

# NZINGA

## INFORMATIVO

JULHO/AGOSTO 1988

Nº 4

ANO III

### As mulheres do NZINGA com a cara e a coragem

Centro de Pastoral Verquino  
5 SET 1988  
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO



FOTO CLÁUDIA FERREIRA

Em cima: Cláudia (de chapéu) Helena, Bárbara e Mariza  
Em baixo: Valéria, Jurema, Beth e Carnem

Benedita da Silva ..... pág. 2  
 Saúde das mulheres ..... págs. 3 e 6  
 Racismo e machismo ..... págs. 4 e 5  
 Lendo e aprendendo ..... pág. 7

1º Curso de capacitação e  
 treinamento para mulheres ..... pág. 7  
 O NZINGA com a mão na massa . pág. 7  
 Aconteceu... acontecendo... ..... pág. 8



## Editorial

Para nós mulheres negras é no mínimo instigante que no ano do Centenário da Abolição da Escravidão, quando o Movimento Negro é reconhecido nacional e internacionalmente como força política emergente, alguns membros deste Movimento saiam a público conclamando as mulheres negras a não desenvolverem uma luta a parte.

A tese de que a questão prioritária é a luta de classes, e que os problemas específicos das mulheres, dos negros, dos homossexuais e da ecologia são questões menores, tem servido fundamentalmente para a manutenção da sociedade patriarcal, racista, machista e predatória da natureza.

O Movimento Feminista surge a partir do momento em que nós mulheres percebemos que tudo que nos foi ensinado como sendo natural da condição feminina, é resultado de fatores socio-culturais, devendo portanto ser entendido como questões de natureza política.

Adriana Santa Cruz do MUJER-FEMPRESS, revista feminista para a América Latina, avaliando a Década da Mulher (1975-1985) na continente latinoamericano afirmou que "...é trágico que em muitos lugares continue sendo um segredo à boca pequena ou apenas domínio de grupos organizados de mulheres as agressões e estupros sofridos massivamente pelo chamado sexo fraco; o fato de que milhões de mulheres pobres morrem por abortos improvisados, sem as mínimas condições de higiene; que não é "lei divina" que as mulheres tenham que arcar com todos os afazeres domésticos, mesmo quando trabalham fora e recebem menor remuneração; que as leis estabeleçam que o homem é o "chefe" da família, mesmo levando em consideração que em vários países da região mais de 50% dos lares são encabeçados por mulheres..." A percepção destes fatores é que gerou os processos de organização e tomada de consciência das mulheres sobre seus problemas específicos.

No Brasil, o avanço do Movimento de Mulheres desde 1975, pode ser avaliado na participação cada vez maior de mulheres nos IX Encontros Nacionais Feministas, na criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e de mais 26 Conselhos Estaduais e Municipais com a mesma finalidade e das Delegacias de Mulheres. Estas organizações caminham no sentido de sensibilizar setores nacionais, a fim de formularem-se políticas públicas que visem a reduzir as desigualdades entre homens e mulheres na nossa sociedade, na medida em que estudos tem comprovado que quanto mais organizadas as mulheres maior o atendimento as suas reivindicações.

Quanto ao Movimento Negro, que ressurgiu com mais força a partir da década de 1970; num período em que a repressão fechou os canais de participação política (sindicatos, entidades estudantis, partidos políticos, entidades profissionais e outros), vem ampliando consideravelmente sua área de atuação no processo de denúncia da exploração, opressão e discriminação por que passa a população negra no Brasil, e no aprofundamento das reflexões sobre a particularidade que nos transforma, por sermos negros, em vítimas da exploração racial, além da exploração de classe.

Enquanto Grupo de Mulheres Negras, nós do NZINGA entendemos a necessidade da nossa articulação com o Movimento de Mulheres e com o Movimento Negro, na medida em que os debates, as reflexões e o embasamento que norteiam nossa atuação devem estar centrados em dois eixos: o primeiro - a questão do Gênero: SOMOS MULHERES - e como tal submetidas à discriminação sexual por que passam todas as mulheres, independente de raça etnia, classe social ou credo religioso. O segundo - a questão da Etnia: SOMOS NEGRAS - e o que nos diferencia das demais mulheres não é só a cor da pele mas a IDENTIDADE CULTURAL. E é para resgatar esta identidade de MULHER NEGRA, que precisamos nos organizar a parte sim. Aprofundar as questões específicas, perceber onde, como e quando somos oprimidas e partindo deste específico participarmos mais fortalecidas da luta geral.

O que está em discussão na realidade é o espaço em que cada um deseja atuar. E nós do NZINGA, optamos por trabalhar com as questões da Mulher Negra. E é por acreditar nisto que estamos participando efetivamente da organização do I ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS, idéia lançada por um grupo de mulheres negras presentes ao IX Encontro Nacional Feminista, na cidade de Garanhuns (PE), em setembro de 1987. Entre os objetivos do Encontro está "... a elaboração de propostas políticas que façam avançar a organização das mulheres negras, colocando para o mundo a existência do Movimento de Mulheres Negras no Brasil de forma unitária e diferentes vertentes políticas".

E ainda, por acreditar nisto é que nós estaremos no dia 2 de dezembro, no Encontro Nacional, em algum lugar do Rio de Janeiro.

## Mulheres negras e guerreiras

### Benedita da Silva

BENEDITA DA SILVA, 46 anos, auxiliar de enfermagem, professora, assistente social, líder comunitária, evangélica, participante dos movimentos negros, de favelas e mulheres.

Nascida na Praia do Pinto, no Rio de Janeiro, mudou-se criança ainda, para o Morro do Chapéu Mangueira, favela do Leme, onde mora até hoje.

Conviveu desde o nascimento com as dificuldades imensas que têm as comunidades e as pessoas pobres de simplesmente sobreviver física, política e culturalmente.

Mulher sensível, Benedita da Silva, a BENÉ, partiu para o fortalecimento da união de sua gente.

Professora da escolinha comunitária, onde alfabetizou a criançada, organizadora de mulheres do morro através do Departamento Feminino da Associação de Moradores, diretora desta mesma Associação por quatro vezes, fundadora, também do Departamento Feminino da antiga FAFEG, hoje FAFERJ, entidade que congrega às Associações de Moradores de Favelas do Estado do Rio de Janeiro, participante ativa do I Encontro de Mulheres de Favelas e Periferias.

Lançada como candidata a Vereadora pelo Partido dos Trabalhadores, foi eleita e seu mandato foi voltado para o atendimento das reivindicações dos movimentos sociais. Convidada, várias vezes, para, no exterior, falar dos problemas e das possíveis soluções nas favelas, presença marcante na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em hora nenhuma deixou de ser a BENÉ do Chapéu Mangueira.

Liderança autêntica, surgida das bases, para mulher é igual a milhares de outras por esse Brasil afora, nas favelas, nos sindicatos urbanos e rurais, no movimento negro, no movimento de mulheres, nas associações de moradores que lutam pelo direito de participar nas decisões políticas, pelo direito de eleger agora o Presidente da República, pelo direito de amar com liberdade e com liberdade serem donas de seus úteros, pelo direito de construir uma sociedade humana, justa e fraterna.

Deputada Federal Constituinte, primeira Mulher Negra a se eleger para o Congresso Nacional, 1º Suplente de Secretário da Mesa da Assembléia Nacional Constituinte, participou na condição de membro efetivo, da Subcomissão dos Negros, Populações indígenas e Deficientes Físicos e da Comissão da Ordem Social da Assembléia Nacional Constituinte. Indicada para membro da Comissão Nacional de Mulheres do PT.

Benedita - Mulher Negra  
Benedita - Mulher Negra e Guerreira



# Saúde das mulheres:

## O DISCURSO DAS MULHERES E A AÇÃO DO GOVERNO

Maria José de Lima

(Zezé Lima)

Enfermeira do INAMPS e Membro do Coletivo FEMPRESS-Brasil

1ª Parte do texto apresentado no Seminário "A MULHER E A SAÚDE"

### INTRODUÇÃO

Cientes de que, em algum momento da História, fomos expropriadas enquanto seres humanos, as mulheres estão tentando recuperar, tanto o corpo individual e o corpo social, quanto o corpo de conhecimentos teóricos que construiu uma imagem de mulher que, na maioria das vezes, não as reflete.

No sentido de construir uma total definição do conceito de saúde e da reestruturação dos serviços de atendimento, através de ações que provoquem mudanças de atitude, frente as usuárias, existe há 24 anos, o Movimento Mulher e Saúde (MMS). Este movimento surgiu na Europa, expandiu-se para os EUA e para a América Latina nesta década. No Brasil, as atividades do Movimento Mulher e Saúde tem sido intensas, apesar de todas as dificuldades institucionais e das barreiras culturais.

Isto porque debater a saúde das mulheres exige que examinemos a estrutura das relações HOMEM X MULHER que é desenvolvida em nossa sociedade em bases desiguais, nos diferentes espaços sociais. A ordem masculina estabelece a ordem social, familiar, política, econômica, cultural e religiosa. É nesse contexto que homens e mulheres tentam se relacionar afetiva e sexualmente de forma diferente das relações identificadas entre outros grupos. Debater a questão da saúde exige a compreensão real da situação em que vivem os dois sexos – a unidade dos desiguais – através da análise dos serviços femininos invisíveis prestados a ordem masculina.

Uma política de saúde que inclua as necessidades das mulheres deveria considerar os fatos da vida privada, local onde ocorre a reprodução da espécie e a produção dos serviços domésticos inertes, passando a reconhecê-los como a base da vida pública. A omissão das ocorrências que se passam dentro de casa, nas considerações que devem ser levadas em conta no delineamento das políticas econômicas e sociais, fomentam as desigualdades entre homens e mulheres e contribui para que sejamos a maioria entre os analfabetos, desempregados, desnutridos, sem habitação e vítimas de violência sexual. São estas condições que no seu conjunto, aceleram a deterioração do estado de saúde das mulheres. E dentro desse enfoque que esperamos debater a questão da saúde das mulheres, considerando a especificidade – trabalho produtivo procriativo e trabalho doméstico como aspectos de diferenciação entre a problemática da saúde de homens e mulheres.

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos a política nacional de saúde mais recente dedicada à mulher; na segunda, apresentamos uma resenha histórica do Movimento Mulher e Saúde para estimular pesquisadores aos estudos dos movimentos de mulher nesta área.

### 1. Um olhar para a política de saúde orientada para as mulheres

Comentar o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher implica em examinar também os discursos, na época, de mulheres que lutaram por uma política de saúde que atendessem às mulheres como cidadãs e não só como mães.

No Rio de Janeiro, a questão da saúde, foi politizada na Mesa Redonda promovida pelo Sindicato dos Médicos, em conjunto com representantes da CNBB e OAB, realizada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em 18.03.1980 num ato histórico intitulado "o aborto em debate". Tornamos público naquele ato que, na luta pela descriminalização do aborto, estava imbutida outra luta de igual dimensão que era a adequação dos serviços de saúde para atender as mulheres em todos os aspectos e fases da vida com uma tecnologia que tivesse a altura dos conhecimentos científicos da época.

A nível do Governo Federal, a questão da saúde da mulher, foi explicitada nas resoluções 6 e 7 de 3.5.1984 da Comissão Interministerial de Planejamento da Secretaria do Planejamento da Presidência da República. Nestas resoluções a promoção da saúde da mulher é considerada área prioritária de atenção do Governo com o aval de três ministros da área Social Educação e Cultura, Saúde e Previdência e Assistência Social – porém na parte das resoluções que desdobrou os fatos fundamentais da política das "Ações Integradas de Saúde" contempla apenas a assistência aos eventos relacionados com a procriação feminina.

Dentre os Ministérios envolvidos, apenas o da Saúde conseguiu explicitar um programa, o PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher), mas não assumiu os investimentos financeiros indispensáveis a sua implantação. Dessa maneira o ministério da saúde recorreu ao Fundo das Nações Unidas para Assuntos de População na busca de dinheiro para cobrir as despesas decorrentes do seu PAISM.

Naturalmente o PAISM antes de chegar a sua versão final foi assunto de muitos debates entre profissionais do Governo e a sociedade, especialmente com as integrantes do movimento feminista. Tomamos apenas dois discursos que evidenciaram claramente os problemas do PAISM, que nasce sem autonomia financeira, sem perspectiva de futuro. Um, do grupo Brasília Mulher de 1983 – Críticas e Sugestões ao Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM/MS) – apresentado ao Governo e a Sociedade. Feitas todas as ponderações possíveis, o grupo manifesta que "ao avaliar o programa do Ministério da Saúde a partir de suas próprias premissas, ele explicita em seus objetivos coerência com a política de controle demográfico que está sendo atualmente formulada no país".

O Ministério da Saúde decidiu mesmo assim, sem reformular suas idéias, fazer uma implantação experimental em Goiânia – em fevereiro de 1984. O grupo feminista "Eva de Novo" de Goiânia – fez uma avaliação dessa experiência e apresentou um documento ao Governo e a Sociedade denominado "Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM): o que pensamos dele". Neste documento o grupo afirma que "O programa reivindica para si a função de resposta aos "anseios" das mulheres – sobretudo das mais pobres – propondo-se contemplá-las com os meios necessários para fazer o que tanto desejam, que é evitar filhos. Em seu corpo, o documento formula uma série de reivindicações para o atendimento das necessidades das mulheres que possivelmente, se atendidas, dariam consistência ao PAISM."

O que se observa é que os direitos formais, mesmo restritos, já conquistados pelas mulheres estão longe de se

Continua na pág. 6



## Racismo e Machismo

Pedrina de Deus (\*)

Todos os dias encontro pessoas com idéias confusas sobre o que seja racismo e machismo. Na confusão do racismo vejo muita gente confundir-lo com a simples discriminação racial, que é o ato de repudiar uma pessoa porque ela é negra, ou de outra raça. Com muita frequência as pessoas dizem que o racismo não existe porque nunca foram discriminadas.

Da mesma forma percebo na maioria das pessoas uma grande confusão em torno do que seja o machismo. Já ouvi até quem confundisse o machismo com a opção pela heterossexualidade. As palavras racismo e machismo que identificam duas formas de dominação, talvez não estejam suficientemente explicadas e não sei se será possível explicar sem uma reflexão mais detalhada e da troca de experiência de nosso dia-a-dia.

Mas ainda assim, é preferível tentar explicar do que deixar a questão sem discussão. Chamamos ideologias de dominação porque são duas formas de dominar as pessoas sem que elas tenham sequer o direito de reclamar. Estas duas ideologias se fortalecem na organização da vida econômica da sociedade, e é a partir dela que poderemos entender seu mecanismo.

Num sistema econômico onde o objetivo é o lucro, "levar vantagem sempre", torna-se necessário que uma parte da população (a maior parte possível) fique desempregada para substituir por qualquer salário um trabalhador mais exigente. É necessário que uma parcela da população permaneça desqualificada profissionalmente para fazer o trabalho de 3 pelo preço de 1, já que a classe dominante lucra mais na medida que paga menos. E, para manter esta grande parcela da população desqualificada e desempregada, a classe dominante lança mão de mecanismos ideológicos para justificar este desnível injusto e para manter os injustiçados passivos e conformados.

Vamos tentar uma análise, a partir da nossa própria experiência de negros brasileiros. Observamos que desde a escravidão, a relação dos negros no Brasil com o elemento branco sempre foi uma relação de lucro para o branco dominante. Eles prosperaram com a apropriação e exploração do nosso trabalho. E, para evitar que a gente se revoltasse, trataram de nos reduzir à passividade. Com isto eles garantem que a gente continue trabalhando para eles prosperarem. Qualquer sistema de apropriação e exploração do trabalho alheio sabe perfeitamente que não basta escravizar uma pessoa. É preciso fazer com que esta pessoa escravizada aceite o estado de explorado como coisa normal, como sua "siná", como um castigo que ela merece por sua própria culpa. Só dessa forma eles impedem qualquer revolta, qualquer insurreição, qualquer prestação de contas pela utilização do suor alheio.

Mas como fazer isto? Os aparelhos ideológicos do Estado (escola, religião, família, meios de comunicação, etc.) que estão a serviço da classe dominante branca, tratam de espalhar através de todos os meios a idéia de que aquela gente que está sendo explorada é incapaz devido a sua inferioridade. Eles justificam essa exploração do nosso trabalho dizendo que somos seres humanos de segunda categoria. Colocam as diferenças de raça em evidência, dizem que essas diferenças são inferioridades e tratam de nos privar das condições necessárias para provar o contrário. Para eles, as diferenças se tor-

nam desigualdades. Quem não for a imagem e semelhança do elemento dominante será seu inferior. Como o negro é diferente do branco, eles dizem que o negro é inferior. Como a mulher é diferente do homem, eles dizem que a mulher é inferior. E, desde que nascemos, recebemos isto dos aparelhos ideológicos do Estado como verdadeiro.

A massificação dessa falsa verdade nos leva a aceitar nosso papel de elemento de segunda categoria. E a aceitação dessa inferioridade autoriza a classe dominante branca a explorar o nosso trabalho. Ora, se somos seres humanos de segunda categoria, nosso trabalho é pouco rendoso e eles podem nos pagar salários baixos. Se somos seres inferiores, eles não precisam de nossa cabeça, apenas de nossos braços, que podem ser usados como mão-de-obra sub paga, manipulada de acordo com a conveniência deles.

A classe dominante branca trata de nos manter analfabetos, sem informação, sujeitos a doenças, subnutridos, para que a gente se convença de que a nossa raça é que é incapaz, e não que as condições em que a gente vive é que nos torna menos aptos. Com as diferenças de raça em evidência, tomando como referencial a raça européia, eles tomam biológico o que é sociológico, e assim exercem o racismo como ideologia para nos dominar. Assim eles até são absolvidos de nos explorarem, de nos escravizarem, de nos violentarem porque se (como eles dizem) somos inferiores, nosso papel social é o de dominado. Para eles somos destituídos de qualidades naturais para ter qualquer privilégio.

Toda essa ideologia cai em dobro sobre a cabeça da mulher negra. A classe dominante não paga ao trabalhador negro ou branco o suficiente para que ele possa fazer face às despesas de alimentação, habitação, transporte e lazer, necessárias para renovar a força após um dia de trabalho. E mais uma vez a organização da vida econômica utiliza o trabalho da mulher dentro de casa para cobrir aquilo que a classe dominante, na pessoa do patrão, não quer pagar. A mulher negra, como mãe, esposa, irmã, companheira, etc... se encarrega de todas as tarefas necessárias para a renovação da força de trabalho, sem que o patrão precise incluir no salário do trabalhador o pagamento pela prestação desses serviços. Visando este lucro adicional, a ideologia de dominação faz com a mulher a mesma coisa que faz com o negro. Mantém a mulher restrita aos trabalhos domésticos, que eles dizem ser um trabalho de pessoas inferiores, só desempenhado por incapazes, para que ela mantenha a infraestrutura que vai dar a eles um lucro maior.

Porque nasceu mulher, a mulher negra já cresce numa situação de desvantagem em relação a qualquer outro membro da sociedade. Ela vai recebendo desde

pequena a informação de que a servidão está na sua natureza de mulher e de negra. E, à medida que ela vai se convencendo de que sua posição é de dependência em relação ao homem e em relação aos brancos, ela se torna um ser passivo diante da sociedade. Tudo aquilo que a gente ouve e vê sobre a mulher todos os dias tem a finalidade de nos tomar pessoas sem iniciativa, pessoas incapazes de lutar por nossos direitos, pessoas com vergonha da nossa própria condição de mulher. Essa sensação de incapacidade como mulher e como negra nos afasta da luta pelos nossos direitos de pessoa humana. E enquanto os homens negros avançam na luta contra o racismo, nós mulheres negras estamos dentro de casa passando para nossos filhos as superstições e concepções racistas e machistas, porque permanecemos na ignorância e somos alvos fáceis dessa ideologia que vai nos atacar dentro das nossas casas.

A pressão que sofremos de uma sociedade que tem valores diferentes, padrões de beleza diferentes, padrões de comportamento diferentes dos nossos, essa força acaba nos levando a querer imitar o elemento da raça dominante. E, sem sentir as sutilezas dessa ideologia de dominação, nós mulheres negras passamos para as novas gerações negras que estamos formando, a prática da miscigenação e do cabelo alisado como negação das nossas características de raça. É a maneira de reduzir os obstáculos que nós próprias sofremos na vida. A gente quer mudar de condição de vida, mudando nossas características de raça, nossos hábitos, nossas roupas, nosso cabelo, nossa alimentação. Como a gente não vai mesmo ter condições de competir com o elemento dominante branco enquanto estivermos analfabetos e mal pagos, a gente acaba acreditando que somos mesmo inferiores. A gente se aceita como escravos e passa esta aceitação para nossos filhos.

Fora de nossas casas os homens negros pensam que a luta contra o racismo está avançando. Mas nenhuma luta avança quando uma parcela desse grupo estiver oprimida e explorada. O racismo não terá fim enquanto as mulheres negras estiverem passivas, escravizadas e ignorantes. É necessário, portanto, que todos nós estejamos empenhados na luta pela emancipação da mulher negra, respeitando suas formas de promover esta emancipação:

E quais são estas formas?

1 - Em primeiro lugar está o combate ao nível das idéias. É necessário que homens e mulheres negros estejam empenhados na formação de contra-ideologia que desmistifique a dominação que interiorizamos. Não é um combate fácil. Não é um combate rápido. Para aquelas mulheres que já possuem a prática da reflexão, talvez pareça uma tarefa fácil que vai dar resultado na primeira

tentativa. Mas não é assim. Tirar os valores opressores de dentro de si própria, é uma luta árdua contra coisas já incorporadas em nossa personalidade. Um caminho para isto é a reflexão em conjunto, por mais cansativa que ela possa parecer. É preciso deixar claro que não se trata da prática do reunionismo (o vício das reuniões infrutíferas) É a reflexão que vai apontar os pontos fracos, as causas históricas, sociais e culturais que nos faz parecer verdade o que é mentira. Isto vai nos ajudar a tirar de nossa cabeça aquilo que a colonização racista nos reduziu: promotoras de prazer sexual e gastronômico do homem. Evidentemente esta prática de reflexão em conjunto é um processo e, como todo processo, não dá frutos de uma hora pra outra. Ela vai tropeçar na ansiedade das mulheres que se sentem aptas para ir mais depressa, em confronto com outras para as quais a descoberta de seus valores que é mais lenta. Cada pessoa tem um ritmo e esse ritmo deve ser respeitado, sob pena de que ela se engaje em uma luta sem ter a necessária clareza daquilo que está fazendo.

Deixemos que as mulheres negras avancem de acordo com seu ritmo, superando suas dificuldades de acordo com suas limitações. Uma pessoa que apenas aceita uma verdade sem entendê-la será sempre um ponto fraco na luta geral dos negros. De nada nos servirá avançar para "mostrar serviço", correndo o risco de deixar uma porta aberta para que mais tarde outros opressores possam entrar. O combate ao nível das idéias é o passo qualitativo que vai preparar novas gerações para enfrentar o racismo. Esse passo não se dá com a pressa que muitas vezes pretendemos.

2 - Nunca esquecer que a luta pela emancipação da mulher negra não tem por finalidade apenas formar mulheres seguras, capazes e brilhantes, que visem com isto adquirir privilégios individuais. Essa conquista das mulheres negras é um veículo para a transformação das condições de vida de seu povo negro. E quando falo em povo negro estou falando do povo brasileiro, porque se a maioria é negra, o Brasil é negro.

A mulher emancipada que deixa seu saber, seu conhecimento, sua capacidade de trabalho servir unicamente a si própria caiu na armadilha da dominação burguesa e vai assegurar a sobrevivência do racismo e do machismo.

3 - Evitar o engano de que a simples mudança da legislação que discrimina a mulher promoverá a emancipação. Essa mudança na legislação pode, no máximo, ajudar numa melhor atuação. A discriminação é apenas a materialização de uma ideologia racista e machista. O lguaritarismo superficial que está apenas nas leis é falho porque arreventa do lado mais fraco quer dizer, do nosso. Para nós, mulheres negras que sofremos todas as contradições da vida econômica da sociedade brasileira em dobro, só o combate ideológico dá um fim definitivo ao racismo e ao machismo.

Combate que, em primeiro lugar, deve ser preparado em grupos, em segundo lugar atuando dentro das entidades negras e, em terceiro lugar, no processo de transformação da sociedade, conquistado e exercido pela maioria explorada.

(\*) Membro do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher/RJ



Continuação da pág. 3

rem reais. Os executores de políticas de ambos os sexos, ou ignoram nossos direitos ou os confundem em seus discursos as políticas com as questões relacionadas com a biologia. Na maioria das vezes não sabem distinguir as questões sexuais relativas ao macho e a fêmea (procriação, sexualidade) com as questões relacionadas com o gênero humano – composto de homens e mulheres e suas respectivas identidades e diferenças. O sexo representará a diferença biológica entre o Macho e a Fêmea, enquanto que o gênero designa a identidade do Homem e da Mulher. A construção histórica do sistema sexo/gênero de dominação masculina envolve a produção e a recepção de um discurso que consolida a sujeição das mulheres aos homens, mantendo um sistema que só será transformado através da análise de suas Instituições, suas práticas e de seu próprio discurso. A área de saúde é um subsistema desse Sistema sexo/gênero de dominação masculina.

As ações de saúde no seu conjunto maior não atendem as necessidades de nenhuma camada da sociedade, por essa razão sobressai as deficiências do setor, quando se trata de atender a mulher. Segundo um estudo realizado pela OMS, diversas entidades mórbidas afetam de maneira especial a saúde da mulher, entre elas estão: a anemia; a diabetes; as doenças cardio-vasculares; os acidentes e a violência em mulheres entre 15 e 44 anos se reveste de enorme importância como causa de óbitos; cirrose hepática pelo aumento de consumo de álcool; blenorragia em adolescentes entre 15 e 17 anos; prostituição; as doenças sexualmente transmissíveis; câncer pulmonar; distúrbios emocionais causados pelo stress da dupla ou tripla jornada de trabalho manifestada em neuroses, ansiedade, úlcera gástrica e duodenal, infarte cardíaco, senilidade precoce, causada pelo alto ritmo de trabalho.

Esse quadro mórbido exige que estejamos atentas a orientação futura do setor, buscando vias de acesso ao Poder e meios para interferir nas decisões políticas, que estão sendo tomadas especialmente neste ano em que está sendo votada a nova Constituição do Brasil.

Cerca de duas mil mulheres, reunidas na Câmara dos Deputados em 1986, compuseram a Carta das Mulheres aos Constituintes, fazendo diversas exigências no setor saúde, a começar pela reformulação do próprio conceito, construído pelos defensores da reforma sanitária de que "A saúde é um direito de todos e dever do Estado". Nesta carta o princípio de que "a saúde é um direito de todos e um dever do Estado", o qual na especificidade mulher deve garantir que as ações de saúde prestadas à população sejam entendidas como atos de co-participação entre TODOS e o ESTADO, envolvendo direitos e deveres de ambos. Isto porque a experiência vem demonstrando que, quando o Estado assume o *dever de* está na verdade capitalizando o *poder de* e que quando ele delega *direitos a* para toda sociedade, está implícita nesses direitos a *obediência* às normas emendadas pelo próprio Estado.

Seria ingênuo pensar que o fato de ser mulher já seria suficiente para combater o sistema social sexo/gênero de dominação masculina. Na saúde temos uma experiência concreta desagradável e retrógrada consolidada por mulheres profissionais do Ministério da Saúde. Com nossas lutas havíamos conseguido que o PAISM compreendesse apenas as reivindicações a ações relativas à saúde das mulheres independente das questões relativas a saúde das crianças. Para estas, o Ministério havia delineado o PAISC rompendo a tradição dos programas materno-infantis, enfim reconhecendo a cidadania dos dois grupos sociais.

Em 1986, volta-se a fundir os dois programas, sob a justificativa de facilidades operacionais, sem considerar os prejuízos políticos futuros.

A alienação demonstrada pelas mulheres responsáveis pelos programas reflete a incapacidade de tomar consciência da própria opressão, de escutar a vivência uma das outras, de conseguir socializar suas histórias tomando-as políticas para que se tornassem capazes de elaborar ações de saúde que revolucionassem os discursos e as práticas da Instituição a que servem.

A grande descoberta do Movimento Mulher e Saúde (MMS) foi a valorização dessas dimensões não materiais da política como, a tentativa de descobrir o que é que é real, a seleção do que é válido e a localização do lugar em que estão situadas as mulheres, rejeitando a Instituição de saúde que se apresenta como orgânica, unitária e sem contradições. O sistema de saúde que existe necessita de ser implodido porque ele é opressivo, seus dirigentes tentam colonizar nossos corpos, pensamentos e desejos como se fôssemos seres fixos, imóveis, estáticos.

A saúde desejável é uma forma de comunicação entre os seres humanos, intermediada pelo Estado, na busca de uma vida sadia. Nossa luta é por um setor saúde que procure encontrar as causas de deterioração do bem estar social, familiar e individual nas bases da sociedade formulando políticas que incorporem as questões ligadas a esfera pessoal, do cotidiano, das relações amorosas ou de amizade. Um passo nessa direção depende de transformações das áreas comportamentalizadas que compõem o setor saúde e que tem se mostrado incapaz de promover uma vida sadia para a população, em setores dinâmicos e integrados. Para transformar é necessário desmontar o aparelho burocrático, reduzindo ao mínimo os funcionários que não realizam nenhuma atividade junto aos usuários e que se ocupam de transmitir ordens superiores a outras pessoas da mesma categoria, ocupando funções de PODER e CONTROLE dentro da Instituição.

Não podemos deixar de enumerar os problemas de saúde que constituem uma dimensão cultural, inerentes a cada pessoa e que não estão afetos a esfera do Estado, existindo mesmo fora do marco médico/assistencial ou técnico/administrativo. Os fatos inerentes a dimensão cultural, entre as mulheres, se expressam muitas vezes pelo medo e o pudor do próprio corpo, impedindo-as de comparecer aos serviços de saúde, de se auto-examinar, etc. No Movimento Mulher e Saúde as questões relativas a essa dimensão, são enfocadas nos grupos de autoconsciência que estimulam as mulheres a enfrentar suas percepções e vivências doentias. Essas vivências uma vez conscientizadas, abrem caminhos para transformar as condições de vida, da sociedade e da cultura. O trabalho dos grupos abre canais de entendimento entre as mulheres, a comunidade e o Estado, através de uma comunicação personalizada e humana que não é da "competência" de nenhuma instituição.

Nos grupos de auto-consciência, as mulheres vão construindo novas formas de auto-imaginação-orientação, auto-expressão, auto-organização e auto-direção, até atingir uma autonomia plena que lhes faculta se autodeterminar nas esferas: política, individual, afetiva, sexual e procriativa. Enfim, trabalhar nessa dimensão é buscar a saúde vivencial que implica em encontrar resposta frente a necessidade de satisfação com a vida e consigo mesma; ter otimismo frente ao destino e seus problemas; ter capacidade de enfrentar a adaptar-se às frustrações; ter disposição de lutar para relacionar-se satisfatoriamente com as pessoas e com o ambiente; ter estímulo para viver, avançar e ter apreço pelas demais pessoas e por si mesma.



## Lendo e aprendendo

- "PARA VIVER O AMOR" – cartilha da Comissão de Saúde do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Numa linguagem fácil e bastante ilustrada a cartilha informa sobre o uso, vantagens e contra-indicações dos métodos contraceptivos. Ideal para reflexões e discussões sobre a saúde da mulher.
- OS FILHOS DE JOCASTA de Christiane Olivier – L&PM Editores S.A., Porto Alegre (RS) – A autora, psicanalista vai buscar no mito grego de Jocasta uma explicação sobre a influência que as mulheres-mães exercem sobre os filhos, já que assumem praticamente sozinhas a sua criação. Discute ainda a relação mãe-filho segundo ela responsável pelos conflitos entre o homem e a mulher.

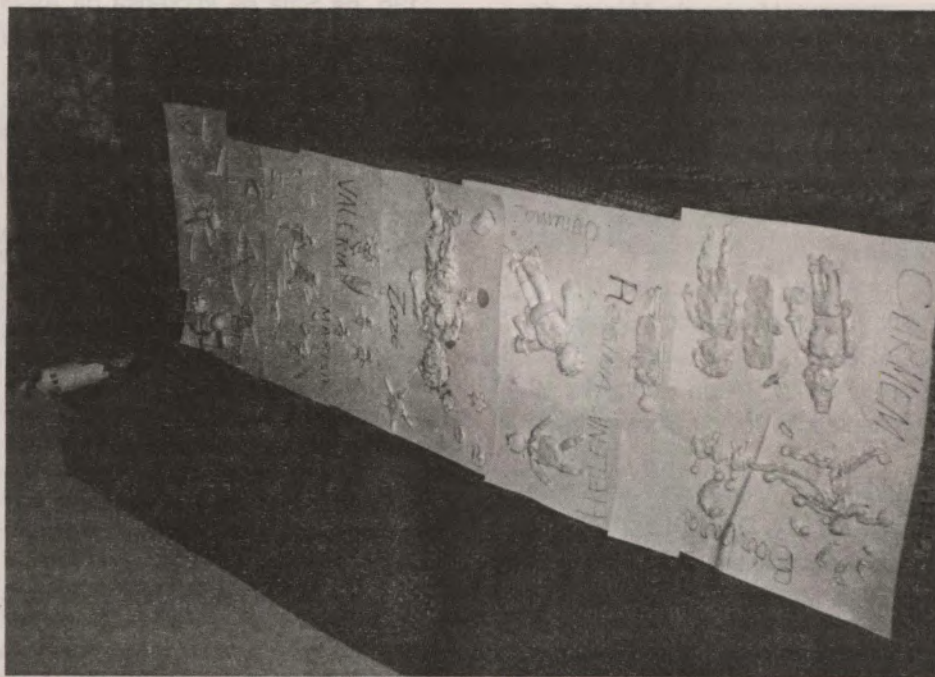
A MULHER E A SAÚDE – Léa Melo da Silva (Coordenadora) Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher Universidade Federal de Minas Gerais (1988). Este caderno é resultado do seminário sobre MULHER E SAÚDE, realizado pelo Núcleo em maio de 1988. Endereço: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher – Caixa Postal 2131 – 270 – Rua Curitiba, 832 – Sala 710 – Belo Horizonte: MG 30170 – Brasil.

## 1º Curso de capacitação e treinamento para mulheres

O NZINGA-CMN está promovendo o 1º curso de Capacitação e Treinamento para Mulheres do Estado do Rio de Janeiro. Dividido em duas etapas o curso tem por objetivo ampliar o número de mulheres negras envolvidas com a questão da mulher e obter uma maior compreensão da mulher no âmbito político, econômico e social. A 1ª etapa será realizada através de 5 (cinco) Encontros Regionais, para os quais já foram contatados os municípios do Sul do Estado e São Gonçalo. A 2ª etapa prevista para acontecer no município do Rio de Janeiro, aprofundará 03 temas: Saúde, Economia Doméstica e Cidadania Feminina, que serão ministrados por grupos feministas que desenvolvem trabalho específicos sobre a questão da mulher.

O primeiro Curso de Capacitação será realizado nos dias 10 e 11 de setembro, próximo, em Volta Redonda.

## O Nzinga com a mão na massa



“A Oficina de Massa é um exercício de modelagem feito em grupo, cujo produto possibilita a reflexão acerca da identidade feminina...”(\*) Por meio deste trabalho podemos descobrir elementos que nos auxiliem no processo de auto-conhecimento e no avanço das discussões sobre a Questão da Mulher.

Para vivenciar isto, o NZINGA-CMN convidou a feminista MARIA JOSÉ DE LIMA, a nossa ZEZÉ LIMA, para coordenar o grupo numa oficina de massas dia 15 de julho passado.

Sinta a fala das Nzingas após o trabalho:

“Achei maravilhoso o trabalho com a massa, pois através deste consegui ver o meu interior. Creio que atingimos a meta proposta para este trabalho. Foi uma experiência inesquecível. Espero que todas as companheiras que participaram tenham sentido o mesmo.” (Bárbara Regina)

“Trabalhando com a massa descobri o quanto ela nos ajuda a soltar aflições internas, resolver problemas. Através dela podemos conhecer muito mais uma pessoa em todos os aspectos foi algo inesquecível;” (Carmem

Lucia)

“De acordo com os resultados obtidos na oficina, parto do princípio de assegurar a validade da massa, pois nos facilita conhecer visivelmente questões internas psíquicas, para assim nos ajudarmos enquanto grupo.” (Cláudia Maria)

“Esta atividade é importante pela possibilidade de se usar como recurso uma linguagem não escrita, onde se exterioriza não os aspectos psíquicos e sim político culturais.” (Elizabeth)

“O medo de se retratar, de passar o filme de sua vida para outras pessoas é muito grande, mas na medida em que amassamos a massa, o lúdico é tão forte que passamos a brincar e aí facilmente, ingenuamente nos revelamos, principalmente a nós mesmas. Nos vendo, nos conhecendo, poderemos melhorar nosso relacionamento com o outro, com a outra.” (Jurema)

“Foi muito bom ter participado do trabalho. Estou convencida de que todas as mulheres deveriam fazer uma oficina dessas para se auto-conhecer. Zezé outra oficina já! (Helena)

“Foi ótima. Fiz uma série de descobertas em relação a mim e toda a discriminação que me cerca, chegando mesmo a sentir que gostaria de fazer outra e sugerir a todas as mulheres que façam.” (Mariza)

“É indiscutível a validade do trabalho. É muito importante na medida em que possibilita o auto-conhecimento, a partir do momento que trabalha e mexe com as emoções. (Regina Rocha).

“O trabalho com massa foi muito positivo, não só para mim, mas para todas. Com ele foi possível que nós nos conhecêssemos melhor, a nós mesmas e ao grupo em si.” (Valéria Cristina)

(\*) Oficina de Massa – redação Dulcinéa Xavier e Sílvia Camurça – revisão Sonia Corrêa e Ângela Teixeira de Freitas – apostila SOS CORPO Recife.

### Expediente:

Responsável pela Edição:  
Helena Maria de Souza

Colaboraram nesta Edição:  
Elizabeth Viana, Jurema Gomes da Silva  
e Mariza Martins Pereira

Diagramação, Arte-final, Fotolito e Impressão  
Lauro – 264-7502

Esta publicação contou, também, com a  
colaboração do Sindicato dos Professores  
do Município do Rio de Janeiro



## Aconteceu... acontecendo...

- Foram empossados os novos Conselheiros do Conselho Municipal de Defesa do Negro, dia 14 de julho p. passado no Palácio da Cidade.
- O MUDAR – Mulheres por um Desenvolvimento Alternativo – está realizando entre julho e dezembro deste ano uma série de debates e mesas redondas sobre: a Mulher e a Crise; A Crise e Movimentos de Mulheres e Visões de Futuro. Informações pelo telefone: (021) 246-1830.
- Uma mostra comemorativa dos 44 anos do Teatro Experimental do Negro, pôde ser vista na exposição realizada entre 28 de junho e 10 de julho p. passado no Teatro Glauce Rocha. A organização foi do Ministério da Cultura e do Programa Nacional do Centenário da Abolição da Escravatura.
- Entre os eventos que marcaram os 70 anos do líder sul-africano Nelson Mandela, em prisão perpétua há 26 anos por combater o apartheid, aconteceu o debate "MULHER NEGRA E O APARTHEID" no Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. A promoção foi da Comissão Organizadora do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras.
- O Centro de Cultura Negra do Espírito Santo realiza entre os dias 21 e 22 de outubro a Mostra da Música de Origem Africana. Informações e Inscrições: Caixa Postal 2363 CEP 29.000 Vitória – ES
- Os Comitês do Movimento Negro do Rio de Janeiro fizeram seu 1º Encontro. A reunião aconteceu no CIEP Geraldo Reis no Gragoatá em Niterói RJ dia 9 de julho p. passado. Na pauta: Encontro de Negros do Rio de Janeiro, Seminário, 20 de Novembro.
- O ALAAFIN AIYÊ comemorou seu 1º aniversário dia 15 de julho p. passado. A festa foi no Renascença Clube.
- O livro "CLEMENTINA CADÊ VOCÊ" de Olga de Jesus foi apresentado no Espaço Cultural Sérgio Porto, dia 13 de julho p. passado. A organização foi da Comissão de Negros do PCB/RJ.
- A Associação dos Moradores do Morro da Candelária (Mangueira) convida para a FESTA DA CULTURA. Durante o dia 14 de agosto vai rolar Araketo, Serginho Meriti e sua banda, Folias de Reis, Danças, Poesia e etc... O endereço é Av. Bartolomeu de Gusmão, 1.100 São Cristóvão. Ônibus 284. Tels 264-7742 ou c/Arruda 228-2271.
- Dias 22 e 23 de setembro a ANPOCS realizará debates sobre a Força de Trabalho Feminina. Informações e Inscrições com Andréa, tel.: (021) 590-1191
- A nova diretoria do Centro Cultural São Sebastião tomará posse dia 13 de agosto às 21 horas. A festa será na Quadra da Escola Santos Anjos na Av. Borges de Medeiros, 699 – Leblon – Rio de Janeiro.
- O coquetel de lançamento do livro "COMO TRABALHAR COM MULHERES", será dia 09 de agosto às 19:30 minutos., na Livraria Rio Market – Praia de Botafogo, 228 – Lj 110 – Centro Empresarial Rio. Quem convida é o Coletivo FEMPRESS e Editora Vozes.
- A Comissão Organizadora do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras convida para "MULHER NEGRA FAZ A FESTA", dia 27 de agosto no Sindicato dos Metalúrgicos. Rua Ana Néri, 152 – São Cristóvão.
- Aconteceu em Volta Redonda dias 30 e 31 de julho, o II Encontro Estadual de Conscientização e Cidadania Negra. O evento que se insere nas atividades do Governo

do Estado, ligadas ao Centenário da Lei Áurea, contou com a presença de representantes do Movimento Negro do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Na pauta: debates, projeção de vídeo e slides sobre a questão negra, apresentação de grupos de dança afro e de uma peça teatral.

- Encerram-se dia 31 de agosto o prazo de inscrição para o concurso "O ENCONTRO É NACIONAL E O CONCURSO TAMBÉM", promovido pela Comissão Executiva do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, para a escolha do cartaz que dará identidade visual ao Encontro. Se você desenha, ou conhece alguma amiga que desenhe, contatar: Agnes, Rua Franklin Roosevelt, nº 39 sala 713. CEP 20021 Rio de Janeiro - RJ. Telefone: (021) 220-5128.
- O CENTRO DE ESTUDOS E DIVULGAÇÃO DAS CULTURAS NEGRAS convida para o Debate Racismo no Sistema Escolar Brasileiro" que se realizará no dia 17 de agosto às 16 horas, no Teatro Artur Azevedo, à rua Vitor Alves, 454, em Campo Grande.
- Foi lançado o Comitê SOS – Maria Celsa, dia 10/08 às 13h. na Sala de Imprensa da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, com a finalidade de angariar fundos para uma cirurgia plástica, em razão de ter sido queimada e desfigurada pelo namorado.

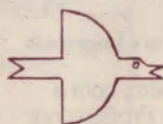
### O que andam fazendo nossos deputados negros

O NZINGA não pretende aqui e agora analisar o Projeto de Constituição, nem o processo Constituinte e sim registrar as principais propostas e intervenções dos Deputados Constituintes: BENEDITA DA SILVA (PT-RJ), CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA CAÓ (PDT-RJ), EDMILSON VALENTIM (PC do B-RJ) e PAULO RENATO PAIM (PT-RS). Esses parlamentares em suas campanhas junto ao Movimento Social e em particular ao Movimento Negro se comprometeram em legislar levando em consideração a questão racial no Brasil, fazendo de suas vozes a voz do Movimento Negro, ao desmascarar o mito da democracia racial, e assim vão derrubando as barreiras que nos impedem de exercer nossa cidadania. Eis alguns dos projetos-de-lei aprovados ou em discussão na Constituinte.

- inclusão da história geral da África e da história do negro no Brasil como matéria integrante das disciplinas de currículo escolar obrigatório.
- define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor a prática do racismo constitui crime inafiançável, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.
- instituição do dia 13 de maio como "Dia Nacional de Denúncia contra o racismo."
- feriado nacional dia 20 de novembro, aniversário da morte de Zumbi dos Palmares e data consagrada pela comunidade afro-brasileira como "Dia Nacional de Consciência Negra."
- proíbe o Brasil de manter relações diplomáticas com países que adotem política oficiais de discriminação racial.
- propõe o rompimento de relações do Brasil com a África do Sul com outros países se gregacionistas.
- assegura a categoria dos trabalhadores domésticos os direitos como: salário mínimo, irredutibilidade do salário ou vencimento, 13º, repouso semanal remunerado, férias anuais remuneradas, aviso prévio, além da integração à Previdência Social.

#### NOTA DE FALECIMENTO:

Após o fechamento do jornal, recebemos a notícia do falecimento da companheira Marlene, do André Rebouças-RJ.



NZINGA  
Coletivo  
de Mulheres Negras

#### Correspondência:

Caixa Postal, 2073  
Rio de Janeiro - RJ  
Brasil - CEP.: 20001